

Lembra: Isto é Rio Águas como Arquivo Vivo da Cidade

Elisa Porto Marques

Doutoranda pelo NPGAU/UFMG; integrante do projeto de extensão Lembra: isto é rio.

Isabela Oliveira Izidoro

Mestre pelo NPGAU/UFMG; integrante do projeto de extensão Lembra: isto é rio.

André Siqueira de Mendonça

Mestre pelo NPGAU/UFMG; integrante do projeto de extensão Lembra: isto é rio.

Roberto Rolim Andrés

Doutor pela FAU/USP; professor do Departamento de Projetos da Escola de Arquitetura da UFMG; coordenador do projeto de extensão Lembra: isto é rio.



Entre junho e dezembro de 2024, fotografias de nascentes, riachos, lagoas e praias foram expostas na calçada da avenida Afonso Pena, principal avenida do Centro de Belo Horizonte. Por ali passam diariamente milhares de pessoas, que puderam ver a exposição *Lembra: isto é rio*, uma ação de extensão da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

A exposição enfoca o território das bacias hidrográficas dos ribeirões Arrudas e Onça, que compreendem o município de Belo Horizonte e trechos de Contagem e Sabará, e busca contrapor um senso comum negativo sobre as águas urbanas. O intuito é estimular uma ampliação do imaginário, uma mudança de mentalidade política sobre o que se entende por cidade e sobre como ela pode ser produzida em relação com as águas.

Na bacia do Arrudas está o centro da capital mineira, planejado no final do século XIX e onde a maior parte dos cursos d'água se encontra sob vias de asfalto. Os cursos que restam abertos e em leito natural na bacia, bem como as nascentes preservadas, se concentram nas cabeceiras, aos pés das serras do Curral e do Rola Moça. Na bacia do Ribeirão da Onça, há uma maior recorrência de rios em leito natural e inseridos na vida cotidiana dos bairros, mas que estão, em sua maioria, poluídos. Eles são utilizados como bota-fora, vistos como entrave para o trânsito e temidos nas épocas das chuvas. As duas bacias são as contribuintes mais poluidoras do Rio das Velhas, que, por sua vez, é afluente do Rio São Francisco.

Apesar desse cenário geral, é nas práticas cotidianas mais ordinárias que reconhecemos os afetos e as relações de cuidado que sustentam a sobrevivência das águas na cidade. Bicas, lagos, poços, rios e cachoeiras perduram no interior da metrópole graças a pessoas engajadas em movimentos de cuidado em diversas escalas, desde a militância socioambiental, passando pelos coletivos e organizações locais, até as mais singelas práticas domésticas.

Com o intuito de que a exposição representasse esses afetos, propusemos uma expedição fotográfica para a documentação atual de espaços e de “pessoas notáveis” do Arrudas e do Onça. As capturas de paisagens e retratos foram acompanhadas da escuta e registro de narrativas que permeiam cada contexto visitado¹.

Como estratégia curatorial, firmamos parceria com habitantes de três regiões da bacia do Onça (Baixo Onça, Tamboril e Capão) com quem realizamos dinâmicas regulares de rodas de conversa, compartilhamento de álbuns familiares, colagens, caminhadas e mutirões. Contamos também com o repertório do *Manuelzão*, projeto de extensão da Escola de Medicina da UFMG, e do Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, organizações que articulam uma rede histórica de pessoas engajadas na política das águas na bacia do Velhas e envolvidas em uma singular “cultura à beira d’água”.

Buscamos que os registros fossem distribuídos pelos territórios das duas bacias, com variações de escala – grandes marcos na paisagem e pequenas bicas; ribeirões e riachinhos; visadas panorâmicas de vales e pequenos quintais ou jardins. O reconhecimento e a reverberação de lutas ambientais da cidade também foram significativos em nossa seleção. São exemplos a Lagoa do Acaba Mundo, resultante de uma cava de mineração desativada na Serra do Curral, com potencial para se tornar um parque público com águas balneáveis, e a Cachoeira da Onça, uma queda d’água de mais de 30 metros de altura que precisa ser despoluída para se efetivar como espaço de saúde, lazer, descanso e convívio.

O conteúdo recolhido resultou na produção de vinte placas em grande formato, afixadas nas grades do Parque Municipal. Nessa configuração expositiva, as paisagens do interior e do entorno das placas transbordam os enquadramentos e se complementam, se afetam e, no limite, se transformam. Muitas vezes, as placas também funcionam como espelhos, como quando as pessoas se demoram frente a elas, embaladas pelo prazer do reconhecimento de suas vizinhanças, percursos e práticas. Vemos acontecer um diálogo da cidade com a cidade mesma.

Em nosso objetivo de provocar uma (re)imaginação da vida urbana, interessa-nos pensar: que cidade é essa, refletida no espelho das águas? Que saberes de cidade as águas carregam?

1. No site lembraistoerio.org estão disponíveis os depoimentos registrados em vídeo dos cuidadores e cuidadoras das águas que participam da exposição.



Na experiência de curadoria-pesquisa, percebemos pelo menos três dimensões desses saberes. Um *saber sobre* as águas da cidade, que observa o desenvolvimento urbano e a presença e o tratamento dado às águas na paisagem ao longo dos anos. Um *saber das* águas, relativo à configuração espacial própria das bacias hidrográficas, que desenham com o relevo uma rede de conexões; os rios se tornam veículos e carregam em seu curso memórias dos lugares por onde passam. Há ainda a dimensão relacional de um *saber com* as águas, um conhecimento experimental, próprio da vida à beira d'água, que na cidade é literalmente uma vida marginal, apagada dos centros.

O acúmulo desses saberes sobre as águas, das águas e com as águas pode ser visto como o acervo de um *arquivo vivo*, que se renova na correnteza – deslocamento de tempo e de espaço –, e que é justamente por isso o contrário de um *arquivo morto*, estagnado, lacrado sob o concreto. Além do conteúdo transmitido de montante a jusante, a rede das águas implica em uma ética de construção coletiva e de corresponsabilização entre as diferentes partes de um território, que nem sempre correspondem aos limites administrativos dos bairros, regionais ou municípios. Nesse sentido, o nome da exposição não diz respeito à memória como um processo acabado. Não fazemos uma evocação romântica de um passado das águas, saudoso e bucólico, mas uma advertência, para o presente e o futuro, ressaltando aquilo que é e deve seguir sendo: rio.









Legenda

Figura 1. Vinte placas com imagens, mapas e textos foram afixadas nas grades do Parque Municipal, no Centro de Belo Horizonte. 2024. Acervo *Lembra: isto é rio.*

Figura 2. Em umas das placas, vemos o retrato de Ernesto Soares da Conceição, Seu Nonô, que há mais de vinte anos se dedica ao cuidado do Córrego dos Joões, que passa nos fundos de sua casa, no bairro Saudade, em Belo Horizonte. Junto de sua família, ele já retirou mais de trezentas caçambas de entulho do córrego e interceptou o esgoto de vinte casas, promovendo uma verdadeira recuperação ambiental desse trecho de rio, aos pés da Serra do Curral. 2024. Acervo *Lembra: isto é rio.*

Figura 3. O reconhecimento e o estranhamento como formas de (re)imaginação. 2024. Acervo *Lembra: isto é rio.*

Figura 4. As placas da exposição em meio a pinturas, na feira de artesanato realizada aos domingos na avenida Afonso Pena. 2024. Acervo *Lembra: isto é rio.*

COMO CITAR

MARQUES, Elisa Porto et al. Lembra: Isto é Rio. Águas como Arquivo Vivo da Cidade. RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura, n. 12, p. 68-77, 2025.